FORMAÇÃO NO CURSO DE HISTÓRIA DA UECE: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE O FAZER-SE PROFESSOR

Fátima Maria Leitão Araújo[*]
fatima.leitao@uece.br
Universidade Estadual do Ceará

Severino Clayton Lourenço da Silva[**]
clayton_historia@hotmail.com
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO
O presente artigo aborda os dilemas e desafios que persistem no seio da universidade quanto à formação do professor historiador. Para a consecução dos objetivos propostos pela escrita, adentramos o espaço concreto da formação, onde na dinâmica do processo ensino-aprendizagem nos deparamos com as contradições que permeiam o cotidiano dos graduandos. Neste exercício reflexivo trazemos as falas de estudantes que estavam e estão no processo do fazer-se professor de História no Curso de Licenciatura em História, Campus do Itaperi, UECE- Fortaleza. As falas advêm de dois momentos específicos, o primeiro refere-se aos anos de 2008/2009 e o segundo, o ano de 2015. Foram coletados depoimentos por meio do método da história oral a estudantes do referido curso que, ao tempo em que realizavam a graduação, exerciam o mister de professor de História no Projeto Nascente, os quais denominamos estudante-professor. As falas/depoimentos coletados neste ano de 2015, emergem do Portfólio, trabalho produzido por estudantes do 3º semestre na disciplina de Didática do Ensino de História.
Palavras-chave: Curso de História; Formação de professores; Professor de História; Diretrizes Curriculares; Fazer-se professor.

ABSTRACT
This article discusses the dilemmas and challenges that remain within the university for the formation of the historian teacher. To achieve the objectives proposed in writing, we enter the concrete area for training, where the dynamics of the teaching-learning process are faced with the contradictions that pervade the daily lives of the students. In this reflective exercise we bring the lines of students who were and are in the process of doing a professor of history at Degree in History, Campus Itaperi, UECE- Fortaleza. The statements come from two specific moments, the first refers to the year 2008/2009 and the second, 2015. testimonies were collected by the method of oral history to students of that course that at the time they performed graduation, wielded mister professor of history at East Project, which we call student-teacher. The speeches / statements collected in this year 2015, emerging from the Portfolio, work produced by students in the 3rd semester Teaching discipline of History teaching.
Keywords: Course of History; Teacher training; History teacher; Curriculum Guidelines; make a teacher.

[*] Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Professora do Curso de História e do PPGE-UECE.
[**] Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará.

À guise de introdução

Eric Hobsbawm (1995, p. 13) deposita no historiador importante papel já que seu ofício é "lembrar" o que esquecido pelos sujeitos de uma história que hoje mais do que nunca, só vislumbra o tempo presente. Benjamin (1985) vai mais longe ao sentenciar: "O historiador é o intérprete político dos sonhos coletivos" (BENJAMIN *apud* FONSECA, p.46), o que é complementado por Selva G. Fonseca ao afirmar que:

> Nós historiadores- e sobretudo professores de história- temos que nos despertar para, a partir daí, penetrar nos sonhos, interrompe-lo e 'salvar' a história. Salvar a história é fazer crescer a consciência dos jovens por meio de um trabalho de reflexão e de reconstrução da experiência humana. Trata-se de uma tarefa de natureza técnica, teórica e política (FONSECA, 2006, p. 46).

Essa tarefa pressupõe o constante repensar nossas práticas como historiadores e professores, o que implicará em questionar sobre que profissionais estamos ou queremos formar em nossos cursos de História. Qual, portanto, a nossa postura frente aos impasses inerentes ao ofício do profissional da História? Quais a mudanças e permanências no percurso de sua formação? Qual o perfil do profissional presente no currículo real[1] do curso de História da Universidade Estadual do Ceará-UECE[2]? Historiador? Professor? Historiador Professor? Professor Historiador? Quem afinal somos, o que realmente queremos ser? O que efetivamente seremos, ou seja, de que forma e em que condições assumiremos o nosso estatuto profissional? Tais questionamentos são indícios de que o debate sobre a formação e a profissionalização do historiador e professor de História encontra-se envolto em problemáticas de ordem política e pedagógica, que se refletem na constante afirmação do seu real estatuto profissional. A temática ora refletida é bem sugestiva e prova inconteste de que as questões em torno do perfil profissional de História é algo que ainda (ou sempre) merecerá atenção, reavaliação, construção e reconstrução de ideias e práticas.

---

[1] Segundo Perrenoud (1995), currículo real é a forma como se concretiza no dia a dia o currículo prescrito. Por mais pormenorizado que seja, o currículo prescrito não consegue "programar" completamente tudo o que será realizado em sala de aula. Sobre esta temática consultar, também, obras de teóricos como Antônio Flávio Barbosa Moreira, Tomaz Tadeu da Silva e J. Gimeno Sacristán.

[2] A UECE tem cursos de História em três campi, quais sejam: Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM, em Limoeiro do Norte; Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC, em Quixadá e Centro de Humanidades da UECE, em Fortaleza-Ce. As reflexões ora realizadas neste texto têm como *lócus* o curso de História do CH- Fortaleza.

Pesquisas realizadas nas décadas de 80 e 90 do século XX sobre as mudanças ocorridas no ensino de História e os processos de formação de professores "demonstraram a enorme distância- e até mesmo uma discrepância- existente entre as práticas e os saberes produzidos, debatidos e transmitidos nas Universidades e aqueles ensinados e aprendidos nas escolas de ensino Fundamental e Médio" (FONSECA, 2006, p.60). A realidade retratada por essas pesquisas é o reflexo de um modelo de formação que predominou nas décadas de 1970 a 1990, cuja tônica era Licenciatura de um lado e Bacharelado de outro, estruturados com base na dicotomia entre conhecimentos específicos e conhecimentos pedagógicos, preparação para o ensino e preparação para a pesquisa, conhecimentos teóricos e prática docente.

As duas últimas décadas do século passado caracterizaram-se por um período de transição na concepção de formação do profissional de História, já que ocorreram importantes mudanças nos rumos das pesquisas historiográficas, bem como as concernentes à formação de professores de História no Brasil. Neste aspecto, a década de 1980 foi deveras profícua, pois:

> Naquele momento, o movimento pela extinção dos Estudos Sociais nos currículos de ensino fundamental articulava-se com o papel do conhecimento historiográficos na formação humana e daí a ampla reflexão sobre a função social do historiador e da escola. Por este motivo, o tema da experiência cultural, através dos estudos de Thompson e Lê Goff, emergiu no debate historiográfico do período. Articulava-se, portanto, a função social do ensino de História com a experiência cultural dos sujeitos na construção das relações sociais. Vivia-se um momento de reconstrução das instituições democráticas do país. O debate público sobre os rumos do ensino de História e da historiografia brasileira articulavam-se fortemente, contaminado pela profunda politização vivida pela sociedade brasileira (RICCI, 2003, p. 275).

Nos anos de 1990, porém, este debate que marcou a década anterior é diluído. As questões em voga são as relacionadas ao processo de ensino aprendizagem, ou seja, às questões que se constituíam pauta das reformas que se processavam no âmbito da Educação Básica. A partir da segunda metade da década, o tema do currículo dos cursos universitários, entre eles o de História, volta à tona. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB, aprovada em 1996, demarca os novos rumos a serem seguidos pelo ensino superior no País. Neste sentido, no ano seguinte à publicação da nova LDB, a Secretaria de Ensino Superior do MEC publicou edital solicitando propostas de diretrizes curriculares para os cursos superiores de graduação. Comissões de especialistas para cada área foram constituídas. No caso da área de História, uma comissão de especialistas foi nomeada pelo MEC, juntamente com a Associação Nacional de História (ANPUH) e após período de discussão, elaborou o documento que foi aprovado e publicado em 2001. (FONSECA, 2006). O texto-

documento das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos Superiores de História apresenta o seguinte perfil do profissional:

> O graduado deverá estar capacitado ao exercício do trabalho do historiador em todas as suas dimensões, o que supõe pleno domínio sobre a natureza do conhecimento histórico e das práticas essenciais de sua produção e difusão. Atendidas essas exigências básicas e conforme as possibilidades, necessidades e os interesses das IES, com formação complementar e interdisciplinar, o profissional estará em condições de suprir demandas sociais relativas ao seu campo de conhecimento (magistério em todos os graus, preservação do patrimônio, assessorias em entidades públicas e privadas nos setores culturais, artísticos, turísticos, etc.) uma vez que a formação do profissional de história se fundamenta no exercício da pesquisa" (MEC/CNE, 2001, p. 5).

Fica explicito, no texto acima mencionado, que os cursos de História devem formar o Historiador. Atendida tal exigência, o profissional se encontra apto a exercer o seu ofício nos diversos campos que se abrem ao trabalho do historiador e, inclusive, no magistério. Disto se conclui que, formado o historiador, estará formado, também, o professor de História. Há um silêncio quanto à formação do professor. Qual a razão desse silêncio? Há mais de uma década da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de História, ainda nos deparamos com instigantes questionamentos sobre os cursos de licenciatura em História, haja vista os indícios de que os mesmos ainda não acompanharam o movimento histórico de transformações do ofício docente, o que nos leva a inquirir sobre quais os modelos de formação inicial de professor de História prevalecem hoje no Brasil.

Silva e Fonseca (2007), ao refletirem sobre a formação docente nos últimos anos apontam para a existência de mudanças e desafios enfrentados tanto pelas universidades como pelas escolas. Novos paradigmas passam a permear os processos formativos, fazendo emergir novos desafios a serem enfrentados pelas universidades, escolas de educação básica e demais espaços de formação de professores. Neste contexto, o debate educacional brasileiro, apoiando-se em concepções advindas das racionalidades prática e crítica, propiciara o delineamento de novos projetos de formação de professores, preconizando um novo perfil de professor/educador, senão vejamos:

> De mero executor de decisões advindas de outras instâncias, 'de cima para baixo', de técnico, transmissor de conhecimentos escolares veiculados pelo livro didático, o professor passa a ter reconhecimento como produtor de conhecimento que é fruto de múltiplas fontes de saber e de suas ações cotidianas. Os professores e futuros professores são motivados a observar, refletir, descrever, questionar, reorganizar, sistematizar e transgredir os múltiplos acontecimentos e relações que configuram o

> ambiente escolar. A pesquisa ganha novas formas e valorização. O professor passou a ser concebido e a se conceber como alguém dotado de historicidade, ser que produz, sente, vive de forma crítica, criativa, sensível, enfim, autor, produtor de saberes e de práticas educativas. Se a racionalidade técnica implicava na dissociação entre o eu profissional e o eu pessoal, entre teoria e prática, nessas novas concepções, tais dimensões se aproximam. São fluidas as relações entre a formação e a prática docentes, entre os espaços de vida e trabalho. Como movimento dialético, tem tensões, distanciamentos e aproximações (SILVA; FONSECA, 2007, p. 39).

Voltemos nosso olhar para a nossa realidade, os cursos de História da UECE. Ao traçar o perfil profissional do graduado em história, o Projeto Político Pedagógico dos Cursos de História de nossa universidade, aprovado em 2004, apresenta que "entre as habilidades e competências do(a) historiador(a), o saber para a pesquisa historiográfica ocupa lugar exponencial, pois é esta que faz dele(a) um estudioso(a) especializado no passado". (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, 2004, p. 15).[3] Em consonância com o que estabelece as Diretrizes Nacionais, eis o eixo norteador da formação profissional dos Cursos de História da UECE. A pesquisa passa a ser fator determinante para a formação do professor, já que os nossos cursos optaram em continuar com o estatuto de Licenciatura, embora, conforme a letra do dito documento há que se exigir,

> [...] o cumprimento de disciplinas, em geral, ligadas ao bacharelado, como as de Metodologia da Pesquisa Histórica I e II e as disciplinas de Prática da Pesquisa Histórica I e II, como fundamentais para a formação consistente do educando para atuar nos âmbitos acadêmicos e em instituições de ensino, de memória e do patrimônio cultural, tendo como meta a indissociabilidade entre ensino-pesquisa (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, 2004, p. 16).

O Projeto Pedagógico de 2004 é sem dúvidas um projeto inovador e rico em possibilidades que se abrem ao ofício do historiador. Entretanto, não podemos perder de vista que há sempre um descompasso entre o currículo formal e o currículo real. Algumas questões precisam ser revistas, reavaliadas no percurso de nossas práticas docentes e discentes. O ponto nevrálgico que sempre esteve presente nas discussões sobre a formação do profissional de História, a nosso ver, ainda persiste, qual seja: a relação entre ensino e pesquisa, bem como entre Professor de História e Historiador. Estes são dilemas difíceis de soluções imediatas. É possível vislumbrar que as fragmentações e a desarticulação ainda permeiam e permearão o nosso cotidiano acadêmico.

---

[3] Projeto Político Pedagógico dos Cursos de Graduação em História da UECE- 2004.

Como a principal questão sempre girará em torno, principalmente, de quem é o professor de História, já que o nosso curso é uma Licenciatura, com o firme propósito de formar o professor pesquisador, oferecendo-lhe outras possibilidades no exercício da profissão em espaços outros que não a sala-de-aula, precisamos criar espaços articuladores de reflexão em torno das problemáticas que são cruciais à definição e a construção da identidade do profissional de História. Entendendo que o saber docente é plural, heterogêneo, construído ao longo da história de vida do sujeito, corroboramos com as ideias de Fonseca (2006), quando afirma que o saber do professor de História é:

> constituído pelo conhecimento específico da disciplina, no caso, o conhecimento historiográfico, os saberes curriculares (objetivos, conteúdos, metodologias e materiais), os saberes práticos da experiência. Assim, o historiador-educador ou professor de História é alguém que domina não apenas os mecanismos de produção do conhecimento histórico, mas um conjunto de saberes, competências e habilidades que possibilitam o exercício profissional da docência (FONSECA, 2006, p. 63).

Os dilemas e desafios que persistem no seio da universidade quanto à formação do professor historiador, nos levou a adentrar o espaço um tanto quanto espinhoso do chão da sala de aula. Aqui nos referimos ao espaço concreto da formação, onde na dinâmica do processo ensino-aprendizagem nos deparamos com as contradições que permeiam o cotidiano dos graduandos. Neste exercício reflexivo trazemos as falas de estudantes que estavam e estão no processo do fazer-se professor de História.

O espaço que constitui *lócus* da investigação é o Curso de Licenciatura em História, Campus do Itaperi, UECE- Fortaleza. As falas advêm de dois momentos específicos: o ano de 2008 e o ano de 2015. Foram coletados depoimentos por meio do método da história oral a estudantes do referido curso que, ao tempo em que realizam a graduação, exerciam o *mister* de professor de História no Projeto Nascente[4]. As falas/depoimentos coletados neste ano de 2015, emergem do Portfólio, trabalho produzido por estudantes do 3º semestre na disciplina de Didática do Ensino de História. Um mesmo lugar de formação em dois

[4] O Centro Integrado de Educação e Saúde Projeto Nascente (CIES-Projeto Nascente) constituía escola-laboratório dos cursos de licenciatura da UECE, conforme convênio celebrado entre a Universidade Estadual do Ceará e a Prefeitura Municipal de Fortaleza. Por sua natureza de escola-laboratório, o CIES tinha como pessoal docente os alunos das diversas licenciaturas da UECE. A escola Projeto Nascente durante 15 anos, funcionou como Escola de Aplicação Teórico-Metodológica da Universidade Estadual do Ceará. O convênio se venceu e a Secretaria Municipal de Educação, em 2009, propôs a retirada dos professores-bolsistas da UECE da regência de sala de aula.

momentos que se separam por um período de sete anos. O primeiro período representa momento de inquietação quanto às mudanças curriculares empreendidas no ano de 2004 entre velho e novo currículo; o segundo período, momento que nos possibilita a identificação de mudanças e permanências na formação do professor/historiador após uma década de vigência da então nova proposta curricular, agora já com ajustes realizados para atendimento da legislação federal[5].

Sobre os dilemas e as expectativas de estudantes no fazer-se ser professor: entre a academia e a sala de aula do ensino fundamental

Que inquietações, dilemas, expectativas e anseios acompanham a formação dos estudantes que durante sua graduação atuam como professores? Intentamos, pois, entender como tem ocorrido o processo de aquisição dos saberes profissionais dos estudantes-professores do curso de História da UECE e quais suas percepções sobre a relação entre os saberes apreendidos e produzidos na academia e os saberes mobilizados em suas práticas da História escolar. Advogamos que na prática docente os sujeitos passam a construir, imersos em seus trabalhos, suas próprias visões de educação, de mundo, de sociedade e de História. No fazer e ser professor tais profissionais são capazes de intervir na sociedade. Para Gómez (1995):

> O professor intervém num meio ecológico complexo, num cenário psicológico vivo e mutável, definido pela interação simultânea de múltiplos fatores e condições. Nesse ecossistema, o professor enfrenta problemas de natureza prioritariamente prática, que, quer se refiram a situações individuais de aprendizagem ou formas de comportamentos de grupos, requerem um tratamento singular, na medida em que se encontram fortemente determinados pelas características situacionais do contexto e pela própria história da turma enquanto grupo social. (GÓMEZ, 1995, p. 102).

A análise do autor supracitado nos apresenta subsídios para compreender a constituição do estatuto profissional do professor de História ou o que os estudantes têm sentido em relação aos seus processos formativos. Os saberes e práticas que são vivenciados na universidade estão em sintonia com a realidade da escola básica ou mais especificamente, instrumentalizam o formando para o exercício da profissão docente?

[5] Depois da reforma de 2004, alguns ajustes foram feitos para atendimento à legislação federal. O novo documento encontra-se em processo de avaliação pelo Conselho Estadual de Educação do Ceará.

Diante das reflexões até aqui realizadas, inquirimos sobre como a formação em História tem sido apreendida e percebida pelos graduandos do Curso de História da UECE[6]. No caso específico do estudante-professor, como tal formação tem se refletido nas práticas efetivas em sala de aula. Essas práticas se apresentam ou não de forma significativa para os indivíduos, uma vez que, por meio da apropriação dos saberes históricos, estes se tornam sujeitos de sua própria história? Eis o que nos informa um de nossos depoentes, Andreyson Mariano:

> [...] Quando comecei a lecionar trazia comigo minha bagagem pessoal, meus conhecimentos, minhas leituras de mundo e as intelectuais. Alguns professores na universidade me viam com certa desconfiança pelo meu comportamento, por questionar nossa formação, por não aceitar determinadas colocações sobre nosso papel... Talvez não acreditassem em mim. Outros me apoiavam às vezes quando debatíamos sobre nossa função, mas, poucos se interessavam pelas dificuldades e problemas que enfrentávamos no dia-a-dia, por nossa realidade também enquanto professores...
>
> A universidade é essencial, mas, ainda deixa a desejar quando recebe seus alunos e desconsidera suas aspirações não permitindo, às vezes, que busquemos uma formação que corresponda aos interesses das classes menos abastadas... Acho que deixamos a desejar nas lutas coletivas e passamos a valorizar demais o intelectualismo, esquecemos de nosso compromisso com o social e a coletividade[7]

As narrativas trazem consigo marcas indissociáveis do ser humano-professor. Assim, enfatizamos que essas falas trazem entre gritos e silêncios concepções que merecem ser analisadas de maneira mais aprofundada. Identificamos vozes que ecoam nos corredores de escolas e da academia, ratificando aspectos há muito reclamados sobre a formação atual dos profissionais em educação, haja vista que em muitos aspectos, o modelo vigente de formação em nossas universidades não contempla mais as inúmeras solicitações advindas da sociedade hodierna, demandas que extrapolam os conhecimentos técnicos e científicos. Tal assertiva pode ser verificada em constatações oriundas de pesquisas que retratam esta problemática, como podemos observar na citação a seguir:

---

[6] As Entrevistas foram concedidas para composição do projeto da monografia de pesquisa de Severino Clayton Lourenço da Silva sob a orientação de Fátima Maria Leitão Araújo. Com um roteiro semi-estruturado de dez perguntas, objetivavam fazer com que o depoente expusesse ao máximo sua visão quanto à sua formação e seu trabalho, os questionamentos foram feitos considerando a posição dos entrevistados, uma vez que eram estudantes/professores que estudavam no curso de História da UECE e lecionavam aulas de História no projeto de extensão da universidade, denominado CMES PROJETO NASCENTE.

[7] Entrevista com ***Adreyson Silva Mariano***, realizada em abril de 2008. Entrevistador: Severino Clayton Lourenço da Silva. Fortaleza: CMES PROJETO NASCENTE-CE.

> [...] a partir dos anos 1980, após os relatórios produzidos nos Estados Unidos, surgiram vários estudos, denunciando a pequena relevância da pesquisa acadêmica em educação e as dificuldades para sua transferência, recepção e utilização pelos professores. A pertinência, por tanto tempo considerada um problema de acesso dos docentes aos conhecimentos produzidos pela universidade, situa-se atualmente em um nível mais fundamental, o do desconhecimento da natureza do trabalho dos professores e da epistemologia da prática profissional por parte da universidade (TARDIF, 2010, P. 03).

Pelo acima exposto, a universidade tem que aceitar, bem como seus pesquisadores, que a pesquisa focada na temática dos professores só terá relevância e resultados satisfatórios se estes pesquisadores conhecerem a fundo as maneiras como os educadores dispõem suas práticas e como essas práticas são apropriadas por seus públicos, entendendo inclusive seus desdobramentos no cenário que configura o espaço educativo. Em seu trabalho, Tardif (2005, p.15) reafirma: "Da mesma forma, conhecemos muito mal não apenas as necessidades dos profissionais cuja resposta depende de pesquisas, mas também suas expectativas, suas representações e seu saber diante da pesquisa acadêmica sobre o ensino".

Caminhar para a superação dessa visão de produção e reprodução do conhecimento, entre os que supostamente "pensam e os que fazem", passa por considerar as especificidades dos profissionais que atuam no nível superior e aqueles que atuam nos níveis médio e fundamental. É importante entendermos quais as deficiências apresentadas na atual formação fornecida pelas universidades, bem como quais os pontos que necessitam serem aprimorados ou acrescentados nos currículos acadêmicos, especialmente nos cursos de licenciatura. Para Fernandes Nunes (2001, p.28):

> As pesquisas sobre formação e profissão docente apontam para uma revisão da compreensão da prática pedagógica do professor, que é tomado como mobilizador de saberes profissionais. Considera-se, assim, que este, em sua trajetória, constrói e reconstrói seus conhecimentos conforme a necessidade de utilização dos mesmos, suas experiências, seus percursos formativos e profissionais.

Temos aqui a introdução de uma nova concepção sobre saberes docentes, na qual são consideradas não apenas os conhecimentos que a academia espera que os docentes utilizem, mas, também, como o educador mobilizará saberes para criar novas leituras do conhecimento, leituras estas que serão readaptadas de acordo com cada necessidade sentida por ele. Para Nóvoa (1995):

> Esta nova abordagem veio em oposição aos estudos anteriores que acabavam por reduzir a profissão docente a um conjunto de competências técnicas, gerando uma crise de identidade dos professores em decorrência de uma separação entre o eu profissional e o eu pessoal (NÓVOA, 1995, p. 51).

A análise de acordo com o que propõe Nóvoa, ou seja, avaliar a formação docente sem considerar a realidade pessoal do educador significa compor um sistema que nunca poderá representar fidedignamente as deformidades existentes entre formação e prática docente, pois é o profissional da educação dentro dessa lógica um *"actor"* que vivencia em sua carreira muito mais situações do que todas as possíveis e imagináveis pensadas pelos que trabalham na academia. Assim, conhecer esse universo através de novas pesquisas que estejam ligadas a abordagens que avaliem a formação docente por sua *práxis*, leva-nos a está mais próximos da realidade educativa e do cotidiano dos professores. Quanto às essas questões, é sugestivo o depoimento de Ariane Bastos:

> [...] por muitas vezes fiquei meio perdida sem saber como discutir determinados temas com meus alunos, porque tinha que ter cuidado com a linguagem, para que eles pudessem entender... Outras vezes me sentia mal quando via que meus alunos não conseguiam aprender porque não sabiam nem ler e eu pouco podia fazer, aí senti que minha formação estava bem distante da realidade da sala de aula[8].

A fala da então estudante-professora, Ariane, nos leva a ratificar que a realidade dentro da sala de aula é muito mais complexa do que se concebe nos recintos acadêmicos, daí porque o alicerce da identidade do educador deve ter em suas bases pilares plurais e heterogêneos, pois sua atuação irá requerer muito mais instrumentos didáticos que a simples tentativa de transferência de conteúdos. Neste sentido, temos que repensar a formação do professor de história em uma perspectiva que o instrumentalize não tão somente para aquisição de conhecimentos históricos, mas, também, propiciando saberes que o levem a lidar com fazer pedagógico da História escolar, focando as imbricações das dimensões teóricas, metodológicas e pedagógicas inerentes aos processos do ensino de História. Além disso, temos que levar em conta os saberes experienciais e culturais dos sujeitos que estão em processo de formação profissional. Concordando com Ana Maria Monteiro (2007, p. 33), "professores e alunos são sujeitos, portadores de visões de mundo e interesses diferenciados,

[8] Entrevista realizada com **Ariane Bastos,** em janeiro de 2009. Entrevistador: Severino Clayton Lourenço da Silva. Fortaleza: CMES PROJETO NASCENTE.

que estabelecem relações entre si com múltiplas possibilidades de apropriação e interpretação".

De acordo ainda com Monteiro (2007), no ofício do professor de História determinados conhecimentos históricos são produzidos no processo do ensinar e do aprender no interior das salas de aula, somando-se a esses conhecimentos outros oriundos de diversas fontes, formações e experiências profissionais e de vida. Em suma, antes mesmo de começarem a ensinar oficialmente, os professores já sabem de muitas maneiras, em virtude de toda a sua história escolar anterior. Além disso, pesquisas como as de Tardif (2010), mostram que esse saber herdado da experiência escolar anterior é muito forte, que ele persiste através do tempo e que a formação universitária não consegue transformá-lo nem muito menos abalá-lo.

Neste sentido, como estes jovens docentes que ainda são discentes, se vêm nessa duplicidade de papéis? Como se avaliam? Existem vantagens neste processo de formação? O Curso de História oferece suporte para que os mesmos desempenhem seus trabalhos com profissionalismo e segurança? Vejamos o que nos diz um de nossos entrevistados: "[...] nosso curso mudou muito, porém a discussão da prática docente, ainda deixa muito a desejar. Há em nosso curso uma desvalorização do profissional que trabalha em outros níveis... somos vistos muitas vezes como meros reprodutores". [9]

Esse sentimento deriva de uma conjuntura histórica na qual ao professor cabia apenas instrumentalizar-se de conhecimentos específicos de sua área para, a partir daí, aplicar os procedimentos cabíveis para o bom desempenho dos educandos no processo de didatização dos conteúdos históricos. Resta-nos, entretanto, verificar se tal sentimento traduz o real perfil de formação do Professor Historiador. Para Monteiro (2007):

> A formação de professores concentrava-se em capacitá-los, ou seja, dotá-los de recursos oriundos de um componente científico-cultural, para assegurar o conhecimento do conteúdo a ensinar. No que diz respeito aos currículos, o modelo de racionalidade técnica também informou a elaboração de propostas sobre o que deveria ser ensinado às crianças e jovens (MONTEIRO, 2007, p. 33).

Podemos verificar que essa postura organizacional de hierarquização torna a ação docente um campo de análises e apropriações postas, como na montagem de um quebra

[9] Adreyson Silva Mariano, entrevista realizada em abril de 2008.

cabeças, tendo em vista que a ação docente significava dividir e repassar o conteúdo que foi apreendido.

Qual seria então a postura dos alunos/professores na atual conjuntura da educação? Que alternativas os discentes/docentes propõem com suas *práxis*? Como esses indivíduos se apropriam das teorias e as discutem e/ou vivenciam no âmbito da prática? Sobre tais questionamentos, encontramos alguns indícios de como o professor vai se "inventando" ou se "reinventando" no processo de constituição do ser professor de História. Como enfatiza Ariane Bastos:

> Primeiramente, analisamos o tema da aula que mesmo seguindo uma grade curricular, não nos impede de articulá-lo as discussões que acharmos necessárias. Procuramos partir de exemplos que estejam próximos da realidade dos alunos, para que o debate se torne mais interessante. E ao contrário do que muitos professores pensam, eu me posiciono quando acho importante e não tenho medo de dizer que desconheço algum assunto. Acho importante também o professor se avaliar e ser avaliado, pois não há ninguém melhor pra dizer como ele está do que a sua turma. [10]

Aferimos que o fato do sujeito não ser ainda formado não torna a condução do processo de ensino-aprendizagem melhor ou pior. Fica claro que a postura exercida pelo nosso historiador-educador está subsidiada não só pelos conhecimentos acadêmicos, mas também, nas experiências que são trazidas pelo jovem educador, que articula o conhecimento e a realidade com o objetivo de torná-lo mais palpável. Por isso analisar e acompanhar o desenvolvimento da docência na graduação de História é tão importante. Portanto, entender os processos de formação dos alunos/professores do Curso de História da UECE, bem como as trilhas percorridas para sedimentação de seus saberes é uma tarefa deveras instigante porque ao mesmo tempo em que buscamos constituir uma imagem sobre nossos pares, conseguimos nos visualizar em nossas ações enquanto professores e pesquisadores.

Em nossas análises emergem, pois, conceitos como discente-docente, saberes docentes, práticas docentes, professor historiador, dentre outros, que nos conduzem a um caminho que nos retire da contramão de questões cruciais à educação e a formação de professores em tempos de extremas contradições e transformações. Neste contexto, o que podemos aferir sobre a realidade vivida pelo curso de História da UECE no que se refere à formação do futuro professor de História? O que o nosso Curso têm ofertado ao historiador

---

[10] Ariane Bastos, entrevista realizada em janeiro de 2009.

além da habilitação legal para o exercício da profissão e a debater sobre a apropriação do espaço acadêmico enquanto local de produção do conhecimento? Questionamentos como estes, nos permitirão enxergar para além do prescrito e vislumbrar o que realmente temos produzindo em nossa missão acadêmica. Assim, à medida que buscamos a formação ideal do professor de História, passamos a mobilizar saberes que servirão de alicerce na compreensão do ensino enquanto realidade social. Para a estudante-professora Ítala Mayara:

> A universidade e o curso deveriam acompanhar melhor o processo de formação de seus alunos, deviam ver a realidade do sistema educacional do ensino fundamental e médio como um espaço onde também se pode contribuir para a formação do historiador, e que os problemas que nós encontramos na sala de aula merecem atenção de todos, pois fogem as regras ditadas pelos gestores de educação do Estado e do Município, e do que é discutido na universidade. [11]

Podemos perceber que muito mais que uma crítica, essa fala nos parece um pedido de ajuda frente à diversidade de ações que são solicitadas ao discente-docente no cotidiano escolar. Como assinala Ramos (2002, p.53): “O conhecimento sonegado pela incompletude da formação acadêmica encontra-se no campo da experiência prática, através de diferentes fontes que caracterizam a multiplicidade de saberes presentes na constituição do processo de profissionalização docente”. Por outro lado, temos a consciência de que a graduação não constitui o único *lócus* de formação do professor, pois o tornar-se professor é um devir ou um constante fazer-se. Porém, necessário se faz que a formação inicial proporcione as bases sólidas do docente nas várias dimensões que o tornem capaz de exercer as funções inerentes ao seu *mister* profissional. Além do saber da disciplina, há de se fomentar os saberes pedagógicos que o permitam realizar a mediação entre os conhecimentos da História ciência e os conhecimentos da História escolar.

As realidades vividas por estudantes-professores, de acordo com seus relatos, nos levam a constatação de que os saberes docentes, bem como o ato de exercer à docência enquanto discente devem ser compreendidos como experiências de vida, acadêmicas e

[11] Entrevista realizada com **Ítala Mayara** em 23 de janeiro de 2009. Entrevistador: Severino Clayton Lourenço da Silva. Fortaleza: CMES PROJETO NASCENTE.

profissionais que fazem do historiador um educador em eterna formação. Na fala de Adreyson fica latente as percepções sobre sua práxis de educador em conflito com as lacunas da formação universitária:

> O difícil de ser educador é que não dá pra se limitar só ao conteúdo, temos que realizar outras funções... temos que ser pais, amigos, psicólogos, enfim de tudo um pouco... Temos que ajudar nas outras disciplinas... Temos que ter sensibilidade para educar... e isso não se aprende na academia, se quer se comenta, em nossas práticas de ensino onde o que predomina são os conteúdos curriculares, como organizar o plano de aula e as críticas as aulas de nossos companheiros se observando apenas às falhas.
>
> Dominar o conteúdo é ótimo, mas, se não discutirmos como pô-lo em prática não vai adiantar muito. [15]

Consideramos a realidade como algo mutável, capaz de ser modificada pela ação docente, por uma prática reflexiva daquele a quem chamamos de historiador-educador, um ser que narra, desconstrói, inspira, e o mais importante, que transmuta pensamentos em palavras e palavras em ações. Nessa perspectiva, a fala de uma estudante-professora nos leva ao entendimento de como se descobriu educadora no curso de História:

> Entrei no curso como segunda opção, meu primeiro vestibular foi pra medicina, não deu certo... tentei história e passei, comecei meio sem vontade... Estava muito nervosa quando entrei em sala pela primeira vez,
>
> não sabia o que fazer direito, a sala lotada, mas confiava em mim, depois fui me acostumando e quando vi já estava apaixonada por essa profissão, ser historiadora era realmente minha vocação.
>
> Apesar das dificuldades, de ter que ser aluna na universidade, de ter que ser mãe em casa, de não ter bons livros... ainda assim, optei por ser professora, por acreditar na mudança que posso proporcionar aqueles com quem puder ter contato, não quero mudar o mundo, mas, se meus alunos enxergarem a vida de outra forma já terá valido a pena.[12]

Pelo exposto acima, ressaltamos o quão é necessário o esforço no sentido de buscarmos a ressignificação do papel de nossos cursos de licenciatura em História, considerando a aquisição de saberes e práticas docentes na formação do historiador, além dos saberes próprios da área de História. Além disso, há de se considerar a importância da pesquisa enquanto exercício fundamental para a superação da prática docente enquanto mera

[12] Ariane Bastos. Entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2009.

"transposição didática" de conteúdos já sistematizados e cristalizados nos currículos escolares. Muito além deste perfil de professor transmissor, devemos almejar a formação do professor pesquisador, problematizador e produtor de conhecimentos.

Em busca de uma identidade profissional: Historiador ou Professor de História?

Primeiro dia de aula da disciplina de Didática do Ensino de História no 3º semestre do curso de História, uma pergunta que se repete a cada semestre: Por que da escolha da profissão de historiador/professor de história? De um universo de 30 estudantes, três ou quatro mencionam a profissão professor. Alguns ficam pensativos ante a possibilidade de se tornarem professores. Muitos outros não se enxergavam, em futuro próximo, exercendo a profissão. Mas o que os trouxeram a um curso de licenciatura em História? Eis algumas narrativas extraídas do trabalho final da disciplina, ou seja, o Portfólio de Didática do Ensino de História[13]:

> [...] foi conversando com um amigo meu que pude perceber que queria mesmo era algo voltado para a academia, para a produção escrita. Cheguei a cogitar outros cursos (jornalismo, Letras, Ciências Sociais), mas foi já na História que fui me identificando mais com a disciplina (mas ainda voltado mais à academia), então fui um pouco por acaso que vim parar neste curso. (**Matheus Marques**).
>
> Sempre gostei de História, era a matéria que eu mais gostava e me identificava na escola. Foi por este motivo que optei por História no vestibular da UECE e na primeira opção no ENEM. No primeiro momento a escolha do curso estava ligada a afinidade com o conteúdo, mas não pensei na possibilidade de ser professora. (**Débora Lima**).
>
> A minha escolha pelo curso de História se deu principalmente por adorar ler e por achar que o curso de história é uma boa forma de aprender a ter um "bom" senso crítico e que me faria ver o mundo a partir de novas perspectivas, entender o porque de alguns costumes sociais atuais e principalmente por querer entender como a sociedade se tornou o que é atualmente. Assim, por apenas querer compreender a realidade atual, não tinha me imaginado como professora de História e sim como pesquisadora. (**Luana Oliveira**).
>
> Minha escolha pelo curso de História se deu por ter um interesse oculto pela matéria, um sentimento de que eu tinha que saber de algo que fosse realmente

[13] O Portfólio constituiu trabalho final da disciplina de Didática do Ensino de História, construído ao longo do desenvolvimento das atividades no semestre 2015.1. Texto que documentou todas as etapas do processo ensino-aprendizagem e as conclusões criticas a partir das leituras, discussões em sala de aula, debates, observação participante, atividades práticas e autoavaliação.

> relevante para mim e que eu não encontrava em outras matérias (...) hoje, após me encaixar em um grupo de pesquisa da área em que tenho interesse – Antiga e Medieval- não me vejo seguindo outro caminho (...) pretendo seguir à docência, mas não é prioridade. Minhas expectativas para o curso é conseguir desenvolver minhas pesquisas na área que escolhi... (**Lívia Gouveia**)

A partir dos relatos de jovens estudantes do curso de História no primeiro semestre de 2015, intentamos analisar as permanências concernentes às percepções sobre a proposta formativa do Curso de História da UECE em Fortaleza. Trouxemos uma discussão sobre a realidade vivida e sentida por estudantes do referido curso no exercício da docência concomitante à formação acadêmica. Agora refletimos sobre a realidade de estudantes que estão em momento inicial do curso e que ainda não vivenciaram à docência. A pesar da distância temporal e da realidade acadêmica destes em relação aos primeiros, identificamos um ponto convergente, qual seja: ainda há falta de clareza em relação ao que se propõe o projeto pedagógico do curso. Embora sendo um curso de Licenciatura, está latente nas ideias e práticas docentes e discentes o ser Historiador/pesquisador em detrimento do ser Professor/historiador.

A realidade expressa nos depoimentos dos estudantes-professores em 2008 nos fornece a explicitação de dados que apontaram para grandes lacunas na formação do professor no contexto acadêmico do curso de História, levando os discentes a se tornarem professores por meio de suas experiências permeadas de acertos, erros, descobertas, ação, reflexão e ação. A fotografia de hoje nos mostra a pouca identificação com a docência, não se vislumbrando o curso como uma licenciatura, mas como um bacharelado. A não identificação com a profissão professor têm razões históricas e faz parte de um processo silencioso de desqualificação desta profissão. Ser Historiador é mais atrativo do que ser Professor? Parece-nos que sim, mas sabemos, também, que todos os docentes formadores dos futuros professores deverão incorporar os reais objetivos do curso em seu formato de licenciatura.

Nossa afirmação se fundamenta em experiências de sala de aula e em pesquisas concernentes à formação de professores. Ressaltamos, neste sentido, que ao terem contatos com as disciplinas das áreas pedagógicas muitos dos estudantes que não apresentavam identificação com a docência, passa a ter outra visão, vislumbrando possibilidades para o exercício do magistério. Senão vejamos:

Estou muito feliz no Curso de História, sempre tive grande interesse pela História, mesmo quando ele foi dividido com a Teologia. Quando entrei no Curso confesso que era por interesses mais egoístas, de conhecer mais a História para entender os porquês das coisas da vida e da sociedade, papel que sempre achei que a História desempenhou, mas agora, e cada vez mais com cadeiras como a de Didática e a Estrutura do Ensino Fundamental e Médio, entre outras, estou entendendo a responsabilidade que temos como historiadores e professores, de mobilizar e transformar a sociedade para melhor. (**Diego Almeida**).

Com o decorrer do curso e principalmente depois de uma disciplina que fiz na graduação, um laboratório de História e Ensino, o Ensino de História, a possibilidade de ser professora tornou-se algo mais familiar na graduação (...) Minha expectativa para o curso é aproveitar as possibilidades de aprender sobre diversos assuntos... Dedicar-me melhor às disciplinas relacionadas a Educação, sei que não é apenas o conhecimento da teoria apreendida na sala de aula da universidade que é importante, mas a prática, o ato de ensinar também é importante. (**Nara Lima**).

Minhas expectativas são bem relativas, eu quero ser professor porque eu decidi estudar o que gosto e deixei pra depois saber se vai dar dinheiro ou se vou ser bem-sucedido. Então tenho muitas expectativas positivas já que não atuei como professor de fato. Mas também reconheço as dificuldades da profissão e não me iludo como tudo fosse ser um conto de fadas. Eu espero realmente saber lidar com as dificuldades, as superando, o resto é mais fácil. (**Sávio Batista**).

Nos depoimentos ora apresentados percebemos o despertar para docência ainda que de forma conflituosa, visto que muitos chegaram ao curso movido por "paixão" pela História. São quase que diletantes, jovens que se inquietam antes às questões sociais e políticas, ante os enigmas escondidos em tempos que suas visões impregnadas do aqui e agora não conseguem enxergar. O contato com as disciplinas lhes proporciona a consciência de que estão em um curso de licenciatura. Passam a perceber a importância da função do professor na sociedade, embora inebriados com o "choque de realidade", pois reconhecem as dificuldades da profissão e se possível não entraria em uma sala de aula da educação básica, nestes termos o que nos dizem dois estudantes é bem ilustrativo desta realidade:

Eu sempre gostei de assistir documentários, tipo gravar num lugar com ruínas explicando as coisas pra câmara, viajando e conhecendo gente diferente, se eu puder atuar nessa área da história ficaria muito realizado, tipo um Carl Sagan, levando as informações em veículos mais abrangentes do que o círculo fechado da academia... (**Sávio Batista**).

Não entrei na Universidade pensando em dar aula, salvo se for seguir carreira acadêmica (o que não descarto). Mas, não digo "dessa água não beberei". Posso beber e gostar, porque não? Até tenho um "método" próprio de ensinar a história do Brasil através da música de cada época. Só preciso aprimorá-lo e colocá-lo em prática. Quem sabe? (**Marcelo Castro**).

Em meio às dúvidas e as incertezas quanto ao exercício da profissão professor, encontramos depoimentos imbuídos do firme propósito de tornar-se docente de História a despeito das dificuldades inerente à profissão. Conscientes das problemáticas do contexto educacional brasileiro há de se incorporar a ideia de que se faz premente uma formação sólida do educador. Na visão de Joyce Isabelle:

> Pensar a História em sala de aula para alunas e alunos do ensino fundamental e médio, em como levarmos o nosso conhecimento universitário para eles e de como podemos incentivá-los a serem curiosos, questionadores, cidadãs e cidadãos dispostos a debaterem e a refletirem sobre o mundo que os cerca (...) são questões que me parecem tão necessárias quanto as discussões teóricas que fazemos dentro da academia (...). Tão essencial quanto se pensar em teoria e pesquisa, é pensar também em nossos alunos e alunas, em como vamos nos portar em sala de aula da educação básica, em como seremos "portadores" de sonhos em terreno tão árido, como o é a educação no Brasil [...]

Eis um ponto nevrálgico que emerge da fala da jovem estudante, "terreno árido". Mesmo, ainda, não portando experiência docente, Joyce Isabelle traz em sua consciência o quão é complexo e difícil o exercício da profissão professor em nosso País. Neste discurso encontra-se latente a realidade vivida enquanto aluna da escola pública cearense, mas não só isso, nele subjaz as percepções e representações presentes em nossa sociedade em relação ao ser professor na contemporaneidade. De acordo com Vicentini e Lugli (2009) o atual quadro do professorado brasileiro mostra uma imagem de desprestígio perante a sociedade. Além disso, as intensas cargas de trabalho e a desarticulação dos processos de reformulação dos sistemas de ensino têm provocado problemáticas de toda ordem, contribuindo para a desqualificação da profissão professor. Refletindo sobre a realidade do professor de História, Selva Guimarães Fonseca (2006) traz à lume as dificuldades inerentes ao modelo de formação profissional nas universidades brasileiras. Portanto, para a referida pesquisadora: " Trata-se de um modelo inadequado ao campo de ação profissional docente, regido pela lógica disciplinar e aplicacionista e que, historicamente, cumpre funções ideológicas, epistemológicas e institucionais precisas na manutenção do *status quo*". (p.63). Neste contexto repleto de ambiguidades, os professores formadores e os estudantes e futuros professores, deverão estar disponíveis às mudanças em seus processos de formação docente, lutando para que contribuições efetivas cheguem ao sistema educacional brasileiro. Para a consecução de tal mister, corroboramos com Fonseca (2006, p.77) quando sentencia que: "O

historiador que faz opção por formar professores de história deve ter consciência de tudo isso, e partir sempre do que é mais óbvio: o outro é ele mesmo".

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. *Ensino de História*: fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica – Parecer CNE/CES 492/2001.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História.* 5ª ed. São Paulo: Papirus, 2006.

GÓMEZ, Angel Pérez. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antônio (org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995, p.93-114.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos:* O breve século XX (1914-1991), 2ª ed. São Paulo: companhia das letras, 1995.

MONTEIRO, Ana Maria**.** *Professores de história:* entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

NÓVOA, António. Diz-me como ensinas. Dir-te-ei quem és. E vice-versa,. In: Fazenda, Ivani (orgs.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.* Campinas, SP: Papirus, 1995.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: Um breve panorama da pesquisa brasileira. *Educação e Sociedade*, n. 74, ano XXII, 2001.

RAMOS, Rafael Yus. Formação ou conformação dos professores? *Pátio,* n. 17, julho/2001

RICCI, Cláudia P. *A formação do professor e o ensino de história*: Espaços e dimensões de práticas educativas (Belo Horizonte, 1980/2003). Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo- USP/Programa de História Social, 2003.

SILVA, M.; FONSECA, S. G. *Ensinar História no século XXI:* em busca do tempo entendido. Campinas, SP: Papirus, 2007.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 11ª ed. São Paulo: Vozes, 2010.

TARDIF, M.; ZOURHLAL, Ahmed. Difusão da Pesquisa Educacional entre profissionais do Ensino e Círculos Acadêmicos. *Cadernos de pesquisa*, Scielo Brasil, v. 35, n. 125, p. 13-35, mai./ago.2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a0335125.pdf>.Acesso em: 20 nov. 2015.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. *História da Profissão Docente no Brasil*: representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.